


Ideias para adiar o fim do mundo

Ideas to postpone the end of the world

Ideas para posponer el fin del mundo

Tânia Lídia Ribeiro Aversi - Universidade de Sorocaba | Doutoranda do PPGE-UNISO | Sorocaba | SP | Brasil. E-mail: taniaversi@uol.com.br | 

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Há muito estamos acabando com mundos. Desde a colonização do Brasil, as possibilidades de existência para aqueles que rejeitaram e continuam resistindo ao modelo eurocêntrico civilizatório só diminuem. As culturas tradicionais e as mais diversas formas de ser e estar no mundo que “desafinam o coro dos contentes”, quando não perseguidas ou exterminadas, são ignoradas ou desprezadas pelo restante da chamada humanidade.

Nada mais vexatório para um povo que vem tentando, às duras penas, caminhar na direção da sua decolonialidade, do que assistir ao discurso do seu governante, na tribuna da Organização das Nações Unidas (24/09/2019), desqualificando a fala e a luta de representantes legitimados pelos povos originários do Brasil e minimizando questões tão graves como o desrespeito à demarcação das terras indígenas e as queimadas criminosas na Amazônia.

Nada mais anacrônico que um chefe do executivo pregando a integração dos povos, a assimilação da nação aos ideais do desenvolvimento, advogando pela “prosperidade” da sua república e defendendo a entrega das, segundo ele, “terras mais ricas do mundo” ao extrativismo predador, ao agronegócio e à mineração. Atividades essas que, desde a posse do novo mandatário, se intensificaram de forma avassaladora, envenenando ainda mais o território e, se não escravizando, exterminando as populações resistentes das regiões mais vulneráveis. O

número de líderes indígenas assassinados na defesa dos seus direitos (contabilizados), em 2019, foi o maior em onze anos.

Em meio a este estado de coisas, nós, a outra parte do mundo que ainda não assistiu ao seu fim, sobrevivemos aos sobressaltos com uma série interminável de “desastres” ambientais. De Norte a Sul, seguimos ameaçados por rompimento de barragens de rejeito de minério, vazamentos de óleo de cargueiros no litoral, poluição no Vale do Sinos e até mesmo nuvens de carvão – no lugar dos rios voadores da Hileia - desabando sobre a maior cidade do país, entre outros crimes. Mas, “Por que tanto medo assim de uma queda se a gente não fez nada nas outras eras senão cair?” (KRENAK, 2019, p. 62).

Ailton Alves Lacerda Krenak, ou apenas Ailton Krenak, líder indígena, ambientalista, escritor brasileiro, jornalista, 66 anos, tem como missão carregar, em sua trajetória, a narrativa do genocídio, sem tréguas, determinado ao seu povo, os Krenak - das cerca de 5 mil pessoas, viventes em 1900, para um grupo de aproximadamente 150 indivíduos, em menos de cem anos - habitando a Serra do Cipó, às margens do Rio Doce, em Minas Gerais. Ganhou notoriedade ao discursar sobre a questão da legalização das terras indígenas, enquanto, em sinal de luto, pintava o rosto com a tinta escura extraída do jenipapo, durante os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, em 1988 (KRENAK, 1987). Desde 1980, atua como ambientalista. Hoje coordena o Núcleo de Cultura Indígena e, junto a outros líderes indígenas, vem representando os interesses dos povos da floresta sendo reconhecido em universidades e organizações no Brasil e no exterior.

A voz de Krenak soma-se à de outros líderes dos povos originários brasileiros como Davi Kopenawa Yanomani, Raoni Metuktire, Jacir Macuxi e Sonia Guajajara, entre outros e outras. Mas, soma-se também a inúmeras vozes pelo mundo - jovens como Greta Thunberg e May Boeve, ou maduras como Vandana Shiva e Peggy Shepard - que denunciam a iminente “queda do céu” e a extinção do mundo como o conhecemos.

“Ideias para adiar o fim do mundo” de Krenak, publicado pela editora Companhia das Letras, em 2019; o “livreto”, como o classifica o próprio autor, vem “causando certa inquietação” nos leitores. Foi o terceiro livro mais vendido durante a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP - 2019).

O título do livro é o mesmo na primeira das três seções que o compõem. Fora escolhido pelo autor como tema de uma de suas palestras na Universidade de Brasília (UnB). Despretensiosamente construído, acabou por causar estranhamento, o que deu muito certo, na

visão do autor, quando observado o número de estudantes e demais interessados que lotaram o auditório da Universidade para ouvir o líder indígena questionar o pensamento racional, linear e positivista que constituem a lógica dos brancos. “O fim do mundo talvez seja uma breve interrupção de um estado de prazer extasiante que a gente não quer perder” (KRENAK, 2019, p. 60). Na concepção de algumas nações indígenas o fim do mundo já teria ocorrido, pelo menos, mais de uma vez.

A palestra com o mesmo título, proferida por Krenak em 12 de março de 2019 no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, posteriormente transcrita e editada, compõe o material da primeira seção do livro. Nela, o autor coloca sob rasura a ideia de humanidade construída pelos brancos europeus e assumida pela maior parte dos povos colonizados. Noção essa, segundo ele, engendrada em estruturas organizacionais internacionais representativas e legitimadas que, ao criarem um “clube” de humanos, excluam as outras formas de estar no mundo, aqueles “[...] 70% totalmente alienados do mínimo exercício de ser [...] que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes – a sub-humanidade” (KRENAK, 2019, p. 14 e 21).

Outro conceito “inventado pelas corporações” para o qual o autor direciona o holofote, ainda nesta seção é sobre o “mito da sustentabilidade”. Para problematizá-lo, Krenak chama Eduardo Viveiros de Castro, Boaventura de Souza Santos, José Mujica e Davi Kopenawa. Com eles o autor defende uma de suas ideias – para adiar o fim do mundo – que é a de que somos, tanto humanos, quanto não humanos, de uma mesma natureza manifesta de diferentes formas. Nessa configuração e na perspectiva de uma cosmovisão, o que a humanidade trata como recursos naturais, ou como mercadoria – rios e montanhas, por exemplo -, deveriam ser compreendidos como parte de nós, entes familiares, ancestrais, imortais. Krenak denuncia ainda a ausência de sentido no estilo de vida predador dessa “humanidade” enquanto propõe a expansão das nossas subjetividades como forma de lutar contra o consumismo e de manter o céu suspenso (KRENAK, 2019, p. 32).

Na segunda seção do livro, intitulada “Do sonho e da terra”, o líder indígena, em palestra proferida no dia 6 de maio de 2017, no Teatro Maria Matos, também em Lisboa - Krenak faz questão de esclarecer, já no início da obra, que até então sempre recusara convites para visitar Portugal devido a “razões afetivas e históricas” – discorre sobre a trajetória e a luta pela

sobrevivência dos modos de existência do seu povo desde a colonização até os dias de hoje em constantes tensões políticas e econômicas, como o caso do rompimento da barragem de Fundão, controlada pela empresa mineradora Samarco, em 2015.

O ambientalista retoma o conceito de humanidade e de mercadoria para abordar a diferença entre indivíduo e “sujeitos coletivos”. Reflete como o Antropoceno “... deveria soar como um alarme nas nossas cabeças”, pois “[...] imprimimos no planeta uma marca tão pesada que até caracteriza uma era [...]” (KRENAK, 2019, p. 46). O autor recupera, também, a cosmovisão indígena que compreende os elementos da natureza como “pessoas” para propor um exercício de construção de “uma” outra humanidade. Um sonho, não como uma experiência onírica, mas como disciplina na busca por caminhos de autoconhecimento e de discernimento em relação às escolhas a se fazer.

“A humanidade que pensamos ser” é o título da última seção e tem como conteúdo a edição, por Marta Lança, de uma entrevista concedida por Ailton Krenak à Rita Natálio e Pedro Neves Marques, por ocasião de sua visita a Portugal, em maio de 2017. Embora a entrevista seja anterior à palestra proferida em 2019, apresentada na primeira seção do livro, o texto parece trazer ao leitor uma síntese das ideias já apresentadas, talvez por isso a obra não tenha sido organizada cronologicamente em relação a ocorrência dos eventos.

Nesta seção, Krenak propõe o rompimento com “[...] a ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade”, ou seja, com “essa configuração mental que é mais do que uma ideologia, é uma construção do imaginário coletivo [...] com a qual nos sentimos identificados” (KRENAK, 2019, p. 58).

Tal rompimento talvez nos “tire o chão”, mas, por outro lado, talvez mantenha o céu suspenso. Talvez possibilite a criação de outros mundos, dançar conforme outras músicas, inventar coreografias não civilizadas que possam salvar os quase-humanos de serem “tirados de cena, por epidemias, pobreza, fome, violência” (KRENAK, 2019, p. 70). “Para os povos que receberam aquela visita e morreram, o fim do mundo foi no século XVI” (KRENAK, 2019, p. 71).

Nesse sentido, as “Ideias para adiar o fim do mundo” de Krenak, chegam em momento mais que oportuno, por possibilitar aos leitores/as situarem-se e compreenderem-se à beira desse abismo chamado civilização e, por desafiar-nos a fugir do lugar de reprodução da mesmice. Segue propondo a suspensão da certeza das coisas, atributo da humanidade branca, e convidando-

nos a habitar sem medo e, pelo menos uma vez na vida, a incerteza. E sugere: “Quando você sentir que o céu está ficando muito baixo, é só empurrá-lo e respirar” (KRENAK, 2019, p. 28).

Referências

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Índio cidadão? Grito 3 Ailton Krenak**. Brasília, 4 set. 1987. Publicado em 3 set. 2014. Vídeo. (4:01 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kWMH_iwdbM_Q. 30 abr. 2020.